REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

JORNAL DOS INTERESSES PHYSICOS, INTELLECTUAES, E MORAES.

Collaborado por muitos sabios e litteratos — redigido por Sebastião José Ribeiro de Sá.

PROLOGO.

> ... as lettras, sendo uns caracteres mortos, e não animados, contem em si espirito de vida pois a dão ácerca de nós a todalas cousas.
>
> (*Prologo da Asia de João de Barros.*)

O — JORNAL — é a cousa mais importante da era em que vivemos.

Fallece-nos o animo, sentimos que a mão nos treme, escrevendo as primeiras linhas do septimo volume da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Assombra-nos a elevada e difficil missão, que tivemos a ousadia de acceitar.

O Publico talvez veja com admiração um nome obscuro, estampado na frente do jornal, onde brilhou o do Cantor da *Primavera*, o do pintor insigne dos *Quadros Historicos.*

Esta anomalia impõe-nos o dever de explicarmos a nossa posição; revelando o pensamento que nos dirige.

O que parecerá vaidade, foi um sacrificio; e onde cuidem que vimos a gloria, só divisamos a satisfação de sermos uteis á Patria, ao menos, por meio de bons desejos.

Ao cabo de seis annos de publicação, a REVISTA ia volver aos braços do pae, que tanto se desvelára pela sua gloria; mas as criticas circumstancias, por que temos passado, arremeçaram para longe das praias do Tejo o fundador d'este jornal.

O *Sr. Castilho* foi buscar fóra do continente de Portugal a sua subsistencia e a da familia que tanto ama!

A pobreza do distincto Escriptor é um titulo honroso, que ainda mais o ennobrece.

O *Sr. Castilho* prestou, entre outros muitos, dous serviços a esta nação ingrata.

Em quanto os portuguezes, cegos pelos odios das contendas civis, esqueciam os altos feitos do passado, — elle sacava á luz do dia, as joias mais preciosas do magestoso diadema, que a fé, o valor, e a honra dos nossos maiores conquistaram para a Patria.

Tam grandiosa empreza não ia em meio, quando todos viram o historiador distincto, o poeta estimadissimo, descer das alturas, onde a fama o elevára, para ir sentar-se á meza da redacção de um jornal scientifico e litterario. — Para realisar tam util pensamento, cercou-se dos sabios e litteratos, que o seu exemplo chamára a tam modesto mister; dizemos exemplo, por que antes da REVISTA se publicar, só pouquissimas vezes os escriptores mais illustres se dignaram escrever nos jornaes populares. O *Sr. A. Herculano*, no *Panorama*, era uma excepção, que, por muito honrosa, ninguem a terá esquecido.

Aos decanos da vida litteraria, juntaram-se os mancebos, animados por uma voz que os arrebatára, e auxiliados pelos concelhos que nunca lhes faltaram. — Foi assim que esse homem provou que tinha visto o que ainda até hoje todos não viram — a necessidade de instruir Portugal, distinguindo nas trevas a causa de muitas desgraças. — Olhára para a terra natal com os olhos da alma e por isso via com tanto acerto.

A REVISTA nasceu na mui nobre officina do pintor dos *Quadros Historicos.*

E foi este o homem que na maior força da vida, viu ante si e os seus o spectro da miseria!

Morreriamos de vergonha se não truncassemos aqui a justa accusação, que sem o querer, estavamos fazendo á terra, onde Camões morreu ao desamparo, e onde ainda hoje não tem um monumento!

A Redacção da REVISTA, quando o Sr. *Castilho* se viu forçado a deixar Lisboa, era um recurso tardio além de incerto, porque o tempo não ajuda muito empreza desta natureza.

O que fica dito explica bem que a Redacção deste jornal é hoje um sacrificio: — Oxalá que um

dia o não seja; pela nossa parte, entregaremos gostosos tam honroso encargo a quem teve a civilisadora lembrança de o criar. E ficaremos completamente satisfeitos, se o pae estremoso achar que não poupámos fadigas, nem meios para minorarmos a triste orphandade da mais presada e excelsa filha da sua intelligencia.

Eis aqui o unico pensamento que nos dirige.

Findo o preito e homenagem que deviamos ao fundador da Revista, fallemos um pouco do jornal.

O que se póde dizer ácerca do passado da Revista resume-se em pouco: ahi estão seis volumes para o attestar. Ninguem poderá negar na presença de tantos centenares de paginas, inspiradas pelo amor da sciencia e da patria, os relevantes serviços prestados ao paiz por este jornal no decurso da sua publicação.

Quando a Revista sahiu a lume, a formosa linguagem portugueza quasi que se ía esquecendo; e os seus mais zelosos cultores se amedrontavam com a barbara invasão das traducções, que pareciam enviadas por Deus como uma oitava praga do Egypto.

Por essa occasião a Revista foi um athleta vigoroso, que desceu á arena para defender os antigos foros da Patria. — Vestia armadura de boa tempera, e a sua valentia era tal que bastas vezes o inimigo, em vez da leve correição que merecia, ficou estendido no campo.

A Revista não muda de proposito em nenhum ponto. — Conta com o valioso auxilio dos antigos e illustres Collaboradores; esperando que tambem outros novos venham honrar-lhe as columnas.

Neste jornal a collaboração é tudo.

As suas paginas ahi estão patentes para quantos as quizerem aproveitar em beneficio da Patria.

Todos serão bem vindos.

Respeitaremos a propriedade litteraria com o maior empenho.

Os artigos que não forem nossos levarão a assignatura de seus auctores, ou outro qualquer signal que os distinga.

A Revista completamente estranha a todas as parcialidades politicas, desconhecendo os seus odios e affectos, só tem a peito a boa sorte do paiz.

A missão d'este jornal é difficil e espinhosa: basta esboçar as idéas que representa para não deixar duvida sobre este ponto.

A nova civilisação, engeitando a fôrça como base do poder, proclamou o imperio da intelligencia.

A historia antiga louvou a Cezar por ter escripto os *annaes* das suas campanhas com a mão que havia empunhado a espada que as vencêra. — A historia moderna honrará o homem desconhecido, que escreva a historia de uma arte, e de um invento, com a mão calejada pelo trabalho.

Um abysmo separa as duas eras distinctas.

Ante o livro e a machina tem de se quebrar a espada do ultimo combatente, e hade-se inclinar o estandarte do derradeiro conquistador.

Hoje a guerra é o bezerro de ouro dos israelitas: só a paz é orthodoxa.

Por estes motivos os conhecimentos universaes são a maior necessidade da epocha, e comprehendem os interesses physicos e intellectuaes da sociedade.

Ao presente a gloria de uma nação consiste:
No respeito á moral e á justiça,
Na instrucção publica,
No desinvolvimento da agricultura,
Nos progressos da industria,
No incremento do commercio,
E no esplendor da litteratura.
Eis aqui as taboas da nossa lei.

Os seus preceitos é que nos dão animo. E só guiados pela sancta luz da esperança, vamos caminhar para esta nova terra de promissão.

Lisboa 8 de dezembro de 1847.

Sebastião José Ribeiro de Sá.

CONHECIMENTOS UTEIS.

AGRICULTURA.

VINHOS DO DOURO.

1 A novidade no Douro foi este anno excellente, em quantidade e qualidade.

O commercio dos vinhos é o nosso mais poderoso recurso.

Sobre esta materia tem-se escripto muito, com referencia aos dous pontos essenciaes, que mais convém averiguar. E são:

Conservação do credito do vinho, evitando as fraudes;

E meios de lhe conservar um preço artificial.

Quem quizer comprehender esta questão, deve esquecer os rigorosos principios da sciencia, para se costumar a vêr o caso em que — a offerta posta amplamente ante a procura arruinaria um ramo de commercio importante.

Se a novidade deste anno, como algumas cartas nos affirmam, é similhante á de 1815, fazemos votos para que tenha os mesmos resultados que nessa épocha tanto beneficiaram o Douro.

Este assumpto é de maximo interesse.

A questão chamada dos vinhos do Douro é para Portugal o mesmo que para a Inglaterra a questão das fabricas.

Quando os fabricantes de Manchester não ganharem, ai da Inglaterra, porque o monstro da fome a devorará de um trago. — Assim tambem, quando os lavradores do Douro empobrecerem todos, — Portugal tocou o ultimo ponto da sua decadencia.

E para conservarmos essa taboa de salvação, não precisamos de ir além dos mares abrir os mercados estrangeiros com a ponta das bayonetas. — Basta-nos a probidade — essa virtude que os nossos maiores nos deixaram sobre as sepulturas razas em que jazem.

Conservemos a pureza do vinho; não falsifiquemos a producção; e o consumidor pagará a pêso de ouro o preço do nosso trabalho, o valor do terreno, e o rendimento do capital.

MEIOS DE OBRIGAR AS ARVORES A FRUCTIFICAR.

2 Reflectindo sobre os varios processos, que o homem tem empregado para augmentar a producção dos fructos, que cultiva, é se levado a reconhecer — que um resultado tão desejado não póde ser alcançado com bom exito, senão causando na arvore uma degeneração ou antes uma verdadeira molestia, que tenda a enfraquecer o vigor primitivo. Com o intuito de provar esta proposição, resumirei aqui summariamente os processos usados; e todos se convencerão que estes teem por objecto alterar o estado normal da vegetação.

Do desbaste. — Esta operação é evidentemente empregada com o fim especial de restringir o vigor das novas arvores, causando-lhes, pela amputação dos ramos, e pelas feridas que d'ellas resultam, um estado doentio, que as predispõe a fructificar cedo, e com abundancia.

Mudança de boa terra para má. — Tem-se notado varias vezes em algumas arvores fructiferas mui vigorosas, que, apezar do desbaste, não produzem senão uma grande quantidade de ramos e de folhas. Com o fim de lhes promover a fructificação, propoz-se substituir a terra boa que lhes rodêa as raizes por cascalho miudo. Este meio, como se vê, não tem outro fim senão enfraquecer a arvore, ministrando-lhe um alimento muito substancial. Outras vezes é bastante descobrir algumas raizes mais fortes e cortal-as. Finalmente, é bem sabido, que as plantas cultivadas são tanto mais dispostas a florirem, quanto são menos sustentadas.

Diminuição das régas. — A diminuição prolongada das régas, um pouco fóra do limite natural, opéra no arbusto mui vigoroso um começo de atrophia, que póde dar logar a uma florescencia abundante. Eis-aqui um exemplo d'isto: cultivei em vaso, durante muitos annos, um marmeleiro do Japão, tendo o cuidado de nunca lhe faltar com a agua. Deu com força uma grande quantidade de folhas, mas poucas ou nenhumas flores, o que me levou a abandonal-o a si mesmo, não o continuando a regar; mas depois de lhe ter feito suportar as primeiras geadas no inverno, colloquei-o em uma estufa, onde começou a ter o tractamento conveniente.

Não foi sem pasmo e prazer, que no fim do inverno, vi que a phylomania habitual d'este arbusto havia desapparecido, sendo substituida por uma florescencia abundante.

Varadas. — Para constranger as arvores a fructificar houve quem propozesse o uso das varadas. Da pratica d'este meio, resulta uma doença algumas vezes grave devida ao esfolhamento, ás contusões e feridas. Porém como estas podem ser causa de apparecerem ulceras, ou a caria, convem que tal processo não seja adoptado na boa cultura.

Do sal. — Resta-me fallar de um processo recommendado recentemente por um agricultor prussiano. Se se accreditarem os relatores da Sociedade de Horticultura de Berlim, este processo offerece resultados sobre maneira admiraveis nas arvores fructiferas. Consiste o processo em espalhar, no começo de outubro, sal commum em toda a parte da terra que é abrigada pelos ramos, devendo esta ficar inteiramente polvilhada de sal. — Comtudo parece-me que a dóse de sal deve ser assás abundante para determinar na arvore uma forte perturbação que a enfraqueça, e, por consequencia, cause a fructificação: — pois é assim que intendo a acção do sal; e não por uma virtude especifica que muitos agrónomos lhe attribuem.

Terminando esta noticia, não posso deixar de observar, que este estado de molestia, que se produz nas arvores, para as fazer fructificar, parece notar-se tambem, no estado normal, nas flores de todas as plantas, logo que o principio do fructo começa a desenvolver-se; e não é sem rasão que os botanicos modernos consideram a corolla como uma folha degenerada. Alem disso, ha muito, que o engenhoso naturalista Lamarck admittiu nas flores, desde o seu nascimento, um estado, que elle compara ao das colorações outonaes que as folhas apresentam no fim da sua existencia.

(Flora franceza, 3.ª edição, 1.º vol. pag. 198).

DESENVOLVIMENTO EXTRAORDINARIO DE ALGUMAS FRUCTAS EM 1846.

3 A 7 de outubro ultimo, appresentou-se na *Sociedade de Horticultura* de Pariz, da parte de M. Lefébure, secretario da sociedade agricola de Lille, duas maçãas de forma e grossura admiraveis. Uma destas tinha de circumferencia mais de palmo. Era levemente achatada nas extremidades, sobre tudo da parte do pé. A côr era de um amarello claro: no lado, que olhava para o sol, viam-se muitas riscas de um encarnado carregado.

Na sessão de 21 do mesmo mez M. Jamain offereceu á sociedade uma pera, que tinha sobre o alto quasi um palmo, e mais de palmo e meio de circumferencia.

Finalmente a 4 de novembro, M. Tournger apresentou á sociedade uma pêra, que pesava quatro arrateis tendo de circumferencia palmo e meio.

Annuaire de l'Horticulteur pour 1848.

RECEITA PARA DESTRUIR AS FORMIGAS.

4 Dissolvam-se duas grammas de sulfureto de potassa em canada e meia de agua. Depois reguem-se os logares que se acharem inçados destes insectos: feito isto algumas vezes, desapparecem totalmente.

Não haja receio de empregar o sulfureto de potassa, pois não causa mal nenhum ás plantas: no que deve

haver cautella em se não empregarem regadores de cobre.

Revue Horticole.

INDUSTRIA.

CONSERVAÇÃO DAS MADEIRAS METTIDAS NA TERRA.

Nos *Relatorios* recentemente apresentados á Academia das Sciencias de Paris pelos seus socios, encontrámos o que vamos trasladar, feito por pessoa mui competente, sobre um assumpto que para nós póde ser de utilidade nas diversas applicações que a *industria* e a *agricultura* fazem das madeiras.

5 Muitos annos se passaram, diz o auctor, depois da communicação que fiz á Academia das Sciencias, e comtudo as minhas investigações sobre a conservação das madeiras nunca foram interrompidas. As amostras, que apresento hoje á Academia das Sciencias, dão testemunho de minha perseverança, e confirmam as anteriores experiencias. Desejava dar a estas investigações a segurança e exactidão que exigem as numerosas e importantes industrias que empregam a madeira; e esperava com impaciencia uma occasião favoravel para preparar, de uma vez, muitas especies, e expol-as depois ás influencias que as destroem com rapidez.

Esta occasião apresentou-se ha tres annos, quando o ministro da marinha me encarregou de preparar madeiras no bosque de Compiègne. Venho agora appresentar á Academia o resultado que alcancei.

Em novembro de 1842, mandei cortar 100 troços de madeira de diversas qualidades (faia, bôrdo, betula, amieiro e carvalho com entrecasca) do volume e do comprimento de uma *vara de caminho de ferro.*

Alguns d'estes troços foram deixados no seu estado natural.

O maior numero foi completamente impregnado de liquidos conservadores.

Concluida a preparação, estes troços foram enterrados; lavrou-se acta da época da experiencia e da qualidade das madeiras.

Passados tres annos de espéra, em novembro de 1845, procedi á extracção das madeiras enterradas. Observei os resultados seguintes:

1.° Os troços de madeira que não tinham sido preparadas, começavam a apodrecer.

2.° Os tróços completamente preparados estavam perfeitamente conservados, e pareciam até terem-se melhorado na terra.

3.° Os tróços preparados na ametade do comprimento são os que apresentaram os resultados mais concludentes. Com effeito as duas partes de cada um d'estes tróços, ainda que identicos em sua formação intima, e enterradas egualmente, offereciam entre si differenças mui notaveis. A parte preparada estava sã, e com uma resistencia pelo menos egual á da madeira nova da melhor qualidade: e a parte não preparada destruia-se ao menor choque, e sobre ella começavam a vegetar muitos cogumellos.

Agora para se poder avaliar estes resultados basta lembrar alguns factos apresentados pela pratica.

A industria dos caminhos de ferro, por exemplo, não póde empregar até hoje na confecção de suas varas senão o coração do carvalho, e isto, porque as outras especies, assim como o entrecasco do carvalho, apodrecem pouco tempo depois que a madeira foi mettida na terra, como provaram as experiencias feitas na Belgica e n'outras partes. Porém hoje depois das minhas experiencias, é claro que a maior parte das qualidades, em toda a sua espe,sura, assim como o entrecasco do carvalho poderão entrar em competencia com o coração d'essa madeira: e é de esperar que as madeiras, assim preparadas, adquirirão uma melhoria sensivel, pois que o seu enterramento durante tres annos não as alterou de modo algum, em quanto modificou de uma maneira apreciavel a sua força e solidez.

Ainda que se não tomem estes resultados senão quanto á conservação das madeiras, e não tirando dos factos citados senão as consequencias mais directas, conhecem-se facilmente as vantagens que a industria vinicola, e a exploração das minas podem tirar do emprego d'estes meios de conservação: ninguem desconhece que em cada anno, a renovação das estacas das vinhas, e a das escoras das minas occasionam um dispendio que monta em França a mais de quatro milhões de cruzados. Os tróços semi preparados foram impregnados com o acido pyrolignoso: as que foram completamente preparadas, embeberam-se uns de sulfato de cobre, outros com chlororeto de calcium pyroligneo, e a terceira serie, de chlororeto dobrado de sodium e de mercurio.

A despeza da preparação não excede, em nenhum caso, a 640 rs. o stère, proximamente 94 palmos cubicos.

MACHINA PARA LIMPAR A LÃ E O ALGODÃO.

(INVENÇÃO AMERICANA.)

6 Nesta machina, a lã é limpa por meio de um cylindro, armado de dentes, volteando em uma caixa, e donde sahe para uma teia continua por uma abertura feita no lado da machina. As sujidades, e a lã que não está sufficientemente lavada neste primeiro processo, são lançadas com violencia para o fundo da machina, onde ellas são retomadas por outros cylindros, ou tornadas a lançar na caixa para tornar a passar pelo primeiro cylindro. A lã ligeira e bastante limpa passa por cima deste cylindro e sahe por um canudo. Este canudo sahe por detraz da machina, passa por baixo do cylindro assim como por baixo da teia alimentar, e vem apparecer na dianteira do apparelho, por onde lança fóra a lã por meio de uma forte corrente de ar excitada pela rotação do cylindro.

(Journal des Usines.)

COMMERCIO.

FEIRAS.

7 A feira de Vizeu e a da Gollegã foram este anno muito importantes.

Informam-nos pessoas competentes, de que se fizeram grandes vendas.

Entre outros generos o briche teve muita sahida.

Os depositos ficaram pouco providos. As fabricas da Covilhã augmentaram, em consequencia da sua maior extracção, o numero dos operarios.

PREÇO DO TRIGO.

8 Subiu em Vienna d'Austria e Madrid. Os governos d'estes dois estados tractavam de tomar as providencias indispensaveis sobre tam importante ponto. Em Portugal os resultados da colheita não foram taes, que o nosso governo possa deixar de tomar cautela, para evitar os perniciosos effeitos do monopolio, sem offender os direitos licitos do commercio.

ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DO PORTO.

9 No dia 3 do corrente devia haver reunião da assemblea geral dos accionistas, para se discutir sobre as providencias que conviria adoptar, para fazer diminuir o agio das notas do Banco de Lisboa.

BANCO DE INGLATERRA.

20 de novembro de 1847.

REPARTIÇÃO D'EMISSÃO.

10 Notas em circulação £ 23,525:845

Divida do governo................	£ 11,015:100
Outras hypothecas..................	» 2 984:900
Ouro amoedado e em barra.........	» 8 315:633
Prata em barra..........................	» 1,210:212
	» 23.525:845

ACTOS OFFICIAES.

Sob este titulo daremos noticia dos actos officiaes que mais directamente interessarem a Agricultura, Industria e Commercio.

11 Por decreto de 25 de novembro foi supprimido o registo da Figueira de Castello Rodrigo, dependente da alfandega de Villar Torpim.

PARTE LITTERARIA.

FUTURO LITTERARIO DE PORTUGAL E DO BRAZIL.

Por occasião da leitura dos

PRIMEIROS CANTOS: POÉSIAS DO SR A. GONÇALVES DIAS.

12 Bem como a infancia do homem a infancia das nações é vivida e esperançosa; bem como a velhice humana a velhice d'ellas é tediosa e melancholica. Separado da mãe patria, menos pela serie de acontecimentos inopinados, a que uma observação superficial lhe attribue a emancipação, do que pela ordem natural do progresso das sociedades, o Brasil, imperio vasto, rico, destinado pela sua situação, pelo favor da natureza, que lhe fadou a opulencia, a representar um grande papel na historia do novo mundo, é a nação infante que sorri: Portugal é o velho aborrido e triste, que se volve dolorosamente no seu leito de decrepidez; que se lamenta de que os raios do sol se tornassem frouxos, de que se encurtassem os horisontes da esperança, de que um crepe funebre vele a face da terra. Perguntae, porém, ao povo infante, que cresce e se fortifica além dos mares, que se atira ridente pelo caminho da vida, se é verdade isso que diz o ancião na tristeza do seu vegetar inerte, e que, encostado na borda do tumulo, deplora, pobre tonto, o mundo que vae morrer!

Em Portugal, os espiritos que o antigo poeta designou pelo epitheto de *bem nascidos;* aquelles que ainda tentam esquivar-se no sanctuario da sciencia ou da poesia ao pego da podridão dissolvente que os cerca, no meio dos seus generosos esforços chegam a illudir a Europa com essas aspirações do futuro, que tambem n'elles não são mais do que uma illusão. As suas tentativas quasi fazem accreditar que para esta nação moribunda ainda resta uma esperança de regeneração; que nas veias varicosas d'este corpo semi-cadaver de novo se vae injectar sangue puro; que temos ainda algum destino a cumprir antes de nos amortalharmos no estandarte de D. João I ou na bandeira de Vasco da Gama, e de irmos emfim repousar no cimiterio da historia. O desengano chega, porém, em breve. O talento que forcejava por fugir do lethargo febril que nos consomme, retrocede ao entrar no templo, e volve ao lodaçal onde agonisamos. É que a turba que ahi se debate, ou o apupa, ou lhe arroja adiante tropeços, ou o corrompe com dadivas e promessas; e fallando-lhe ás paixões más, ás ambições insensatas, lhe clama: vem refocillar-te no lodo. E, desanimado ou tentado, o talento despenha-se, e atufando-se no charco acceita as lisonjas ou o oiro immundo que lhe atiram, embriaga-se com os outros perdidos, e renega da missão sacrosancta que se lhe destinára no ceu.

Que é feito de tantos engenhos que despontaram nesta nossa terra desde que a imprensa libertada chamou os que sentiam chammejar em si um espirito não vulgar ao convivio das intelligencias? Que é feito dessas tres ou quatro épochas em que, nos ultimos quinze annos, a mocidade parecia querer deixar inteiramente aos pequeninos homens-grandes do paiz o agitarem-se, o morderem-se, o devorarem-se acerca dos graves interesses, das profundas questões das bolhas de sabão politicas? Que é feito dessa phalange ardente, ambiciosa de uma gloria pura, que principiava a exercitar-se nas lides do entendimento? De tudo isso; de toda essa mocidade brilhante e esperançosa que resta? Algum crente solitario, que deplora em silencio a queda de tantos archanjos. Os outros sacerdotes, apostatando da religião das lettras, atiraram-se á arena das facções, e manchados pela baba dos odios civis, cubertos da lama das praças, arroxeados e sanguentos pelas punhadas do pugilato politico, desbaratando em esforços estereis a seiva interior, lá vão disputando no meio de homens, gastos como a effigie de velha moeda, sôbre qual ha-de ser a fórma do ataúde, e como se talhará a mortalha, em que o cadaver de Portugal deve descer á sepultura. Que outra cousa, de feito, ha ahi sôbre que se dispute ainda?

Por isso, quando vejo começar a surgir entre nós um novo poeta; quando ouço a primeira harmonia que sussurra nas cordas de lyra noviça, quizera poder chegar-me escondidamente ao descuidado e inexperiente cantor, e dizer-lhe ao ouvido: cala-te, alma virgem e bella; cala-te, que estás n'um prostibulo! Olha, que *elles* não te ouçam! Se o teu hymno reboar por essas torpes alcovas, sabe que pouco tardará a hora de te prostituires.

1 * *

O poeta portuguez d'hoje é a avesinha, que, enlevada nos seus gorgeios, se balouça depois do pôr do sol no ramo do ulmeiro pendente sôbre o rio. As outras voaram para os seus ninhos, e ella deixou vir a noite, e ficou alli, triste, só, desconsolada, soltando a espaços um doloroso pio.

Poeta, nesta terra é noite! Porque não te acolheste ao teu ninho? Agora o que te resta é morrer. Vae abrigar-te entre os orbes; vae derramar em canções a tua alma no seio immenso de Deus. Ahi é que sempre é dia.

Nós somos hoje o hilota embriagado que se punha defronte da mesa nas philitias de Sparta, para servir de licção de sobriedade aos mancebos. O Brazil é a moderna Sparta, de que Portugal é a moderna Helos.

Estas amarguradas cogitações surgiram-me na alma, com a leitura de um livro impresso o anno passado no Rio-de-Janeiro, e intitulado *Primeiros Cantos: Poesias por J. Gonçalves Dias.* N'aquelle paiz de esperanças, cheio de viço e de vida, ha um ruido de lavor intimo, que soa tristemente cá, n'esta terra onde tudo acaba. A mocidade, despregando o estandarte da civilisação prepara-se para os seus graves destinos pela cultura das lettras; arroteia os campos da intelligencia; aspira as harmonias d'essa natureza possante que a cerca; concentra n'um foco todos os raios vivificantes do formoso céu, que a allumia; prova forças, emfim para algum dia renovar pelas idéas a sociedade, quando passar a geração dos homens *praticos e positivos*, raça que lá deve predominar ainda; porque a sociedade brasileira, vergontea separada ha tão pouco da carcomida arvore portugueza, ainda necessariamente conserva uma parte do velho cepo. Possa o renovo d'essa vergontea, transplantada da Europa para entre os tropicos, prosperar e viver uma bem longa vida, e não decahir tão cedo como nós decahimos!

É geralmente sabido que o joven imperador do Brasil dedica todos os momentos que póde salvar das occupações materiaes de chefe do estado, ao culto das lettras. Mancebo, prende-se á mocidade, aos homens do futuro, por laços que de certo as revoluções não hãode quebrar; porque o progresso social não virá accomette-lo inopinadamente nas suas crenças e habitos. Quando a idéa se encarnar na realidade, o seu espirito, como as outras intelligencias que o rodeiam, ter-se-ha alimentado d'ella, e saudará como os seus mais alumiados subditos o pensamento progressivo. Não notaes n'estas tendencias do moço principe um symbolo do presente, e uma prophecia consoladora acerca do porvir do Brasil?

A imprensa na antiga America portugueza, balbuciante ha dous dias, já ultrapassa a imprensa da terra que foi metropole. As publicações periodicas, primeira expressão de uma cultura intellectual que se desenvolve, começam a associar-se as composições de mais alento — os livros. Ajuncte-se a este facto outro, o ser o Brasil o mercado principal do pouco que entre nós se imprime, e será facil conjecturar que no dominio das lettras, como em importancia e prosperidade, as nossas emancipadas colonias nos vão levando rapidamente de vencida.

Por si sós esses factos provariam antes a nossa decadencia, que o progresso litterario do Brasil. É um mancebo vigoroso que derriba um velho cachetico, demente, e paralytico. O que completa, porém, a prova é o exame, não comparativo, mas absoluto, de algumas das modernas publicações brasileiras.

Os *Primeiros Cantos* são um bello livro: são inspirações de um grande poeta. A terra de Sancta Cruz que já conta outros no seu seio, póde abençoar mais um illustre filho.

O auctor, não o conhecemos: mas deve ser muito joven. Tem os defeitos do escriptor ainda pouco amestrado pela experiencia: imperfeições de lingua, de metrificação, de estylo. Que importa? O tempo apagará essas maculas; e ficarão as nobres inspirações estampadas nas paginas deste formoso livro.

Quizeramos que as *Poesias Americanas* que são como o portico do edificio occupassem nelle maior espaço. Nos poetas transatlanticos ha por via de regra demasiadas reminiscencias da Europa. Esse Novo Mundo que deu tanta poesia a Saint-Pierre e a Chateaubriand é assaz rico para inspirar e nutrir os poetas que cresceram á sombra das suas selvas primitivas.

Como argumento disso, como exemplo, da verdadeira poesia nacional do Brasil citarei aqui dous trechos das *Poesias Americanas*: o *Canto do Guerreiro*, e um fragmento do *Morro de Alecrim.*

O CANTO DO GUERREIRO.

I.

Aqui na floresta,
Dos ventos batida,
Façanhas de bravos
Não gerão escravos,
Que estimão a vida
Sem guerra e lidar
— Ouvi-me, Guerreiros,
— Ouvi meu cantar.

II.

Valente na guerra
Quem ha como eu sou?
¿Quem vibra o tacápe (1)
Com mais valentia,
Quem golpes daria
Fataes — como eu dou?
— Guerreiros, ouvi-me;
— Quem ha como eu sou?

III.

Quem guia nos ares
A frexa implumada,
Ferindo uma preza
Com tanta certeza
Na altura arrojada
Onde eu a mandar?
— Guerreiros ouvi-me,
— Ouvi meu cantar.

IV.

Quem tantos imigos
Em guerras preou?
¿Quem canta seus feitos
Com mais energia,
Quem golpes daria
Fataes — como eu dou?
— Guerreiros, ouvi-me:
— Quem ha como eu sou?

(1) Tacápe — arma offensiva, especie de maça contundente usada na guerra e nos sacrificios.

V.

Na caça ou na lide,
Quem ha que me afronte?!
A onça raivosa
Meus passos conhece,
O imigo estremece,
E a ave medrosa
Se esconde no ceo.
— Quem ha mais valente,
— Mais dextro do que eu?

VI.

Se as matas strujo
Co'os sons do Boré, (2)
Mil arcos se encurvam,
Mil setas lá voam,
Mil gritos rebôam,
Mil homens de pé
Eis surgem — respondem
Aos sons do Boré!
— Quem é mais valente,
— Mais forte quem é?

VII.

Lá vão pelas matas;
Não fazem ruido:
O vento gemendo,
E as matas tremendo
E o triste carpido
D'uma ave a cantar,
São elles — guerreiros,
Que eu faço avançar.

VIII.

E o Piaga (3) se ruge
No seu Maracá, (4)
A morte lá paira
Nos ares frexados,
O campo juncado
De mortos é já:
Mil homens viveram,
Mil homens são lá.

IX.

E então se de novo
Eu toco o Boré,
Qual fonte que salta
De rocha empinada,
Que vai marulhosa,
Fremente e queixosa,
Que a raiva apagada
De todo não é,
Tal elles se escoam
Aos sons do Boré.
— Guerreiros, dizei-me,
— Tão forte quem é?

(2) Boré, instrumento musico de guerra, pouco menor que o figli: dá apenas algumas notas, porém mais ásperas e talvez mais fortes que as da trompa.

(3) Piagé-piaches-piazes ou piaga (que mais se conforma á nossa pronuncia), era ao mesmo tempo o sacerdote e o medico, o Augure e o cantor dos indigenas do Brazil e de outras partes da America.

(4) Maracá, entre os indios, um instrumento sagrado, como o psalterio entre os hebreos, ou o orgão entre os christãos; era uma cabaça crivada, cheia de pedras ou buzios, e atravessada por um hastil ornado de pennas multicores, que lhe servia de cabo. O antigo viajante Roloux Baro testemunha da veneração que os indios lhe tributavam, chamava-lhe «*Le diable porté dans une calebasse.* A esta palavra vão alguns modernos buscar a etymologia da palavra America.

O MORRO DO ALECRIM.

....

Manito — Manito — cobriste o teu rosto
Com denso velamen de pennas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes déste da perda infeliz.

Teus filhos valentes, temidos na guerra,
No albor da manhãa quão fortes que os vi!
A morte pousava nas plumas da frexa,
No gume da maça, no arco tupi.

E hoje em que apenas a enchente do rio
Cem vezes hei visto crescer — abaixar...
Já restam bem poucos dos teus que inda possam
Dos seus, que já dormem, os ossos levar.

Teus filhos valentes causavam terror,
Teus filhos enchiam as bordas do mar,
As ondas coalhavam de estreitas igaras
De frexas cubrindo os espaços do ar.

Já hoje não caçam nas matas tão suas
A corça ligeira — trombudo coati...
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça — no arco tupi.

O Piaga nos disse que breve seria,
Manito, dos teus a cruel punição;
E os teus ainda vagam por serras, por valles,
Buscando um asylo por invio sertão!

Manito — Manito — descobre o teu rosto,
Bastante nos pêsa da tua vingança:
Já lagrimas tristes chorarão teus filhos,
Teus filhos que choram tam grande tardança.

Abstendo-me de outras citações que occupariam demasiado espaço, não posso resistir á tentação de transcrever das *Poesias Diversas* uma das mais mimosas composições lyricas que tenho lido na minha vida:

SEUS OLHOS.

Seus olhos tão negros — tão bellos — tão puros —
De vivo luzir,
Estrellas incertas, que as agoas dormentes
Do mar vão ferir;

Seus olhos tão negros — tão bellos — tão puros —
Tem meiga expressão,
Mais doce que a briza, — mais doce que o nauta
De noite cantando, — mais doce que a frauta
Quebrando a soidão.

Seus olhos tão negros — tão bellos — tão puros —
De vivo luzir
São meigos infantes, gentis, engraçados
Brincando — a sorrir

São doces infantes — brincando e saltando
Em jogo infantil,
Inquietos, travêssos; causando tormento,
Com beijos nos pagam a dôr de um momento,
Com modo gentil.

Seus olhos tão negros — tão bellos — tão puros —
Assim é que são;
Ás vezes luzindo — serenos — tranquillos:
Ás vezes vulcão!

Ás vezes, oh sim, derramam tão fraco,
Tão frouxo brilhar,
Que a mim me parece que o ar lhes fallece,
E os olhos tão meigos, que o pranto humedece,
Me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranquillo,
Desperta a chorar;
E mudo e sisudo scismando mil coisas
Não pensa — a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, — do infante,
Ás vezes do ceu
Cae doce harmonia d'uma harpa celeste,
Um vago desejo; e a mente se véste
De pranto co'um veu.

Quer sejam saudades, quer sejam desejos
Da patria melhor;
Eu amo seus olhos que choram sem causa
Um pranto sem dôr.

Eu amo seus olhos tão negros — tão puros —
De vivo fulgor,
Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,
Que fallam de amores com tanta poesia,
Com tanto pudor.

Seus olhos tão negros — tão bellos — tão puros —
Assim é que são;
Eu amo esses olhos que fallam de amores
Com tanta paixão.

Se estas poucas linhas, escriptas de abundancia de coração, passarem os mares, receba o auctor dos *Primeiros Cantos* o testemunho sincero de sympathia, que a leitura do seu livro arrancou a um homem que não o conhece, que provavelmente não o conhecerá nunca, e que não costuma nem dirigir aos outros elogios *encommendados*, nem pedil-os para si.

Lisboa (Ajuda) 30 de
novembro 1847. *A. Herculano.*

GREMIO LITTERARIO.

Publicamos com muita satisfação o seguinte parecer de uma Commissão, nomeada pelo Gremio para apresentar os meios de dar impulso aos trabalhos desta util e respeitavel Associação. Brevemente trataremos das vantagens que Portugal póde tirar da prosperidade do Gremio; limitando-nos hoje a retirar um artigo nosso sobre os *interesses economicos do paiz*, para dar cabida ao importante trabalho que não precisa outro louvor, além dos nomes das pessoas que o assignam.

—

Senhores:

13 A Commissão, encarregada de propor os meios de dar impulso aos trabalhos litterarios do Gremio, occupou-se com tanto mais desvello no desempenho da honrosa tarefa, que lhe foi confiada, quanto mais profunda é a sua convicção, de que o melhor modo de firmar a existencia desta sociedade é fazendo a corresponder aos nobres fins, para que foi creada, e ás elevadas esperanças, que sua organisação tinha feito conceber. A Commissão julga realmente não ser possivel, nem talvez desejavel, que o Gremio Litterario continue a permanecer por mais tempo na situação excessivamente modesta, em que circumstancias bem sabidas o tem obrigado a conservar-se; e que ou elle se ha de desenvolver, florescer e fructificar, ou senão, tocado d'esterilidade, tem forçosamente de morrer em embryão.

Ainda que auctorisada pela Assembléa Geral para propôr as alterações dos estatutos, que julgasse necessarias para que o Gremio podesse melhor satisfazer a seus fins litterarios, a Commissão não só entendeu não dever propôr alteração alguma, porque tambem nenhuma julgou necessaria, mas antes tomou por base de suas propostas a fiel execução das disposições dos mesmos estatutos. A Commissão julga até poder affirmar, que, se essas disposições houvessem obtido cabal execução desde principio, se as classes se tivessem installado; se se houvesse aberto o concurso para as mesmas; se, em summa, o Gremio tivesse logo começado a viver vida litteraria, os seus trabalhos ou não teriam padecido completa interrupção, em consequencia das commoções por que o paiz acaba de passar, ou, pelo menos, seria hoje muito mais facil atar o fio d'esses mesmos trabalhos interrompidos. A historia de todos os tempos, e particularmente a moderna historia franceza, bastantes exemplos nos aponta com effeito de como o sagrado fogo da sciencia se não apaga, antes se accende aos tufões da guerra civil, e de como o sabio se póde de tal modo concentrar em seus estudos, que nem os mais estrondosos acontecimentos sejam capazes de o distrahir.

Já se vê quanta importancia a Commissão liga á installação das classes. É nestas que o trabalho se divide nas diversas especialidades; que o estudo se concentra em pontos determinados, e que a discussão póde mais proficuamente suscitar, dirigir e ampliar as elucubrações do gabinete. As discussões da Assembléa Geral poderão ser mais apparatosas, mais brilhantes; mas nunca ter o cunho d'utilidade, que pódem e devem caracterisar os trabalhos das classes, e do conselho litterario. Pelo modo como se acha composto, contando em seu seio os mais conspicuos litteratos e sabios da capital, o conselho litterario, uma vez que resolutamente queira entrar no exercicio de suas funcções, ha de ser como um foco d'onde as luzes se derramarão, e o amor das lettras se irá insinuando pelas differentes classes da socidade portugueza.

Para estes fins se conseguirem muito podem concorrer tanto o estabelecimento de cursos publicos, no seio

deste Gremio, como a creação de uma publicação periodica, orgam de seus trabalhos. O mister de professor é arduo, é espinhoso, mas cheio d'attractivos. Tem por base o natural instincto que todos temos de communicarmos nossas idéas, o desejo que nutrimos de fazermos proselitos a nossas doutrinas. Por isso, quando voluntariamente abraçado, quando livremente exercido, e versando sobre pontos da eleição do que o desempenha, torna-se uma tarefa suave, muitas vezes gloriosa, e sempre util e louvavel. É por tanto de esperar que seja facil instituir no Gremio alguns cursos. As leituras, versando a principio sobre os assumptos mais amenos, mais brilhantes ou mais novos dos differentes ramos tanto das sciencias naturaes como das moraes e politicas, ou de litteratura, e bellas artes, hão de trazer a este estabelecimento grande concorrencia não só dos proprios socios, como de pessoas a elle estranhas.

A sciencia principiará assim a ser cultivada, primeiramente por passatempo, depois por gosto e curiosidade, e finalmente por paixão. Estes cursos, além da vantagem de fazerem geralmente diffundir o amor da sciencia, serão tambem muitas vezes para os que as regerem um tirocinio professoral, que revelará talentos, que aliás permaneceriam ignorados. Estas mesmas aulas poderiam tambem tomar um caracter popular; e, sendo dadas em dias e a horas convenientes, e versando sobre as diversas applicações da sciencia ás artes industriaes, servir para a instrucção das classes operarias, supprindo em parte a tam sensivel e censuravel falta das respectivas escolas, e mostrando as vantagens que de sua instituição se poderão colher.

A Commissão, certa do zelo de grande numero de seus socios pelo engrandecimento do Gremio Litterario, e de seu amor pela sciencia, ousa esperar que muitos se prestem de boa vontade a abrir leituras sobre os diversos ramos scientificos e litterarios, com que estiverem mais familiarizados ou que mais forem de seu gosto.

A creação d'uma publicação litteraria é no entender da Commissão um dos objectos mais dignos da sollicitude do Gremio não só pelo credito que d'ahi lhe havia de provir senão tambem pelos relevantes serviços que este estabelecimento póde vir a prestar por tal meio á instrucção das diversas classes da sociedade portugueza.

Esta Assemblea já n'outra época ouviu o bem traçado relatorio de uma de suas commissões sobre este assumpto. A necessidade e as vantagens d'uma publicação desta ordem ahi se achavam tam profundamente pensadas quanto brilhantemente expendidas. Houve a este respeito larga discussão; o resultado porém que d'ella pareceu colher-se foi, que a possibilidade da execução não se apresentou a muitos tam manifesta, quanto era demonstrada a sua vantagem. Talvez aquella discussão aqui fosse trazida extemporaneamente. A Commissão espera que, — uma vez que os trabalhos litterarios das classes estejam em seu pleno andamento, e que os differentes socios, que provisoriamente as compõem, ou de futuro se quizerem habilitar a fazer parte dellas, tenham composto suas dissertações inauguraes, — ninguem duvidará votar pela creação de uma publicação periodica, a que estes mesmos trabalhos poderão, no começo, servir de principal alimento.

Por em quanto abstem-se a Commissão d'emittir o seu voto sobre a creação d'um jornal da sociedade; sem comtudo duvidar da sua possibilidade, ainda independentemente dos materiaes, que lhe podessem subministrar os trabalhos, a que acaba de alludir.

Taes são os meios que a Commissão julga poderem mais efficazmente concorrer para o desenvolvimento da vida litteraria do Gremio. Todos elles são da competencia do conselho litterario; e por isso considera de primeira necessidade a reunião do dicto conselho, a fim de que, tomando na devida conta as ponderações que ella acaba de fazer, procure dar impulso aos trabalhos litterarios que deixa indicados.

Além destes trabalhos, entende a Commissão que muito convirá submetter diversos pontos á discussão da Assembléa Geral. Esta discussão recahindo sobre assumptos de interesse geral, accessiveis ás luzes do maior numero, e alheios ás discussões dos partidos politicos, não só servirão de excitar e dirigir a opinião publica sobre pontos ácerca dos quaes muito convem que ella seja devidamente esclarecida, mas tambem de despertar o zelo e assiduidade de nossos socios, e de nos attrahir novos.

Os assumptos, que parecem á Commissão mais proprios para estas discussões, são geralmente os que dizem respeito aos interesses materiaes do paiz, tão ligados hoje com a sciencia, e por conseguinte com o objecto desta sociedade; são as questões relativas á agricultura, ás artes, ao commercio, á organisação social, questões de cuja solução depende o desenvolvimento da riqueza publica, o augmento da prosperidade dos povos e o engrandecimento das nações, questões vitaes para nossa terra, mas que até agora teem ficado quasi inteiramente estranhas ás discussões de nossas parcialidades politicas. Se o Gremio Litterario, emprehendendo decididamente dar vigoroso impulso á civilisação portugueza, procurasse dirigir para estes assumptos a attenção geral, e crear em seu favor uma opinião forte e profundamente arreigada, se, pelo poder da palavra e da imprensa, conseguisse transportal-os da sublime esphera das theorias á região positiva da realidade, teria preenchido a mais nobre missão, e prestado á Patria o mais relevante serviço.

Em vista das considerações, que ficam expendidas, a commissão tem a honra de propôr, como meios de dar impulso aos trabalhos litterarios do Gremio:

1.° Que o conselho litterario passe a celebrar as suas sessões, em conformidade com o artigo 10.° dos estatutos.

2.° Que se installem quanto antes as classes, como dispõem os artigos 11.°, 12.° e 65.°

3.° Que se marque o prazo dentro do qual se devem apresentar as dissertações para o concurso marcado no artigo 66.°

4.° Que a assembléa geral se reuna regularmente para discutir diversos pontos d'interesse publico.

A commissão, sem prejuizo da iniciativa que cabe a qualquer socio, offerece á discussão os seguintes themas:

1.° Convirá a uma nação, e com particularidade a Portugal, dedicar-se indistinctamente a quaesquer ramos d'industria, ou a certos e determinados? Quaes são as bazes da escolha? Quaes os ramos que mais nos conviria cultivar?

2.° Quaes são as vias de communicação que primeiro se devem formar, e porque meios?
3.° Que vantagens póde tirar Portugal de suas possessões ultramarinas, e porque meios?
4.° Convirá estabelecer em Portugal colonias agricolas? Sobre que bazes? Poder-se-hia d'este modo conter ou utilisar a emigração do continente e ilhas?
5.° Qual será o systema de contribuições preferivel em Portugal?
6.° Como se poderá criar entre nós o credito rural? Que vantagens resultariam d'ahi?
7.° Conviria estabelecer uma liga de alfandegas entre Portugal e Hespanha? Sobre que bazes?
8.° Que meios devem ser empregados para animar a publicação de livros uteis?
9.° Sobre que bazes deve assentar uma lei de habilitações para os empregos publicos? Que garantias deverão ter os funccionarios providos na conformidade d'essa lei?
10.° Que medidas convirá tomar para o descobrimento e exploração de nossas riquezas mineralogicas, tanto no continente como no ultramar?
11.° Quaes são os melhoramentos de que nossa agricultura mais carece? Qual a maneira de os realizar?
12.° Qual deve ser a organisação das escólas d'applicação em Portugal, para crear homens especiaes nos differentes ramos do serviço publico e industrial?
13.° Podemos e devemos ter uma marinha de guerra respeitavel? Quaes os meios que se devem empregar para ter um bom material maritimo?
14.° Porque meios poderá a camara municipal de Lisboa melhorar a margem do norte do Tejo, fazendo construir caes, e docas, para os navios mercantes? Quaes serão os meios proprios para crear um fundo de receita para a execução d'estes trabalhos?
15.° Sobre que bazes deve assentar um systema regular de finanças, applicavel a Portugal?
José Lourenço da Luz, *presidente*. — Gregorio Nazianzeno do Rego. — Francisco Martins Pulido. — Daniel Augusto da Silva. — Antonio Joaquim de Figueiredo, *relator*.

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.

14 Entrou no prelo o segundo volume do *Monge de Cister*, pelo Sr. A. Herculano.

Os que presam as lettras patrias receberão com alvoroço esta boa nova, por que ainda se não apagaram da memoria as recordações, que restam d'aquellas graves paginas do *Panorama*, em que o Sr. A. Herculano esboçou, com mão de mestre, a magestosa figura do *Monge*.

NOTICIAS.

BAPTISMO DO NOVO INFANTE.

15 A solemnidade das cerimonias baptismaes do oitavo Filho de SS. MM. effectuou-se no dia 3 do corrente, pela 3 horas da tarde na real capella do Paço das Necessidades.

O Serenissimo Infante foi baptisado pelo Eminentissimo Cardeal Patriarcha e recebeu dos labios do Prelado o nome de Augusto. Teve por padrinho S. A. R. o Duque de Saxe-Coburgo-Gotta, e por madrinha S. A. R. a Duqueza do mesmo titulo. O padrinho foi representado pelo Principe Real, e a madrinha por S. A. R. a Sr.ª infanta D. Isabel Maria. — Foi levado nos braços do Sr. Conde de Penafiel. Os grandes do reino que pegaram nas varas do palio foram os Srs. Marquezes de Loulé, Minas, Vianna, e os Condes da Ribeira Grande, Mesquitella, Arcos, Cunha, Ega.

Findas as ceremonias, toda a córte ajoelhou ante o Rei dos Reis.

S. Eminencia entoou o *Te Deum*, que foi cantado pelos musicos da real camara, dirigido pelo mui eximio professor Manuel Innocencio dos Santos. Na escolha da musica houve um feliz e louvavel alvitre. Era composição de S. M. o Sr. Duque de Bragança, e foi executada, pela primeira vez, na capella real do Rio de Janeiro por occasião do baptismo de S. M. a Rainha. Esta recordação de familia leva ao mais intimo da alma um sentimento suave e terno.

É como se do sepulcro de um pai extremoso, surgissem as harmonias, com que sua filha devera louvar o Altissimo, por lhe conceder a graça de receber mais um descendente no seio da igreja catholica. É como se essas notas maviosas trouxessem recordações lá da mansão dos Justos, que se estivessem revelando ao ouvido da filha, em quanto os que a cercavam não ouviam a voz do tumulo que dizia: « Os louvores que « entoam por teu filho são um pensamento meu, que « te envio:... surgiu-me da mente quando a igreja te « recebeu em seus braços :... era do ceu, posso ainda « conserval-o na eternidade. »

Entre os assistentes foi admirada com muito respeito a Serenissima infanta D. Isabel Maria pela riqueza que ostentava, e pelo *estado* antigo de que sempre usa.

Quando vemos S. A. com o sorriso bondoso nos labios, em que revela a sua boa alma, assentada dentro de um coche pesado e todo carregado de ornatos antigos, puxado a muares, com os criados vestidos de vermelho, lembra-nos o heroe de fr. Luiz de Souza assistindo ás bodas da infanta sua irmã, todo vestido á portugueza no meio da corte, envolta nos elegantes trajos de Saboya. S. A. é como uma respeitavel recordação do passado, que em nada offende o que devemos venerar no presente.

A concurrencia foi luzida, os *trens* de mais gosto pertenciam aos Srs. Marquez de Vianna, Conde de Porto Covo, e embaixador do Brazil.

A capella real estava armada com muito gosto e primor. Ficou patente ao publico por tres dias.

Conhecia-se que a armação havia sido deliniada por um architecto de merito, como de feito foi pelo Sr. Silva. Observámos entre outras bellezas a propriedade e harmonia com que a ordem corinthia foi observada. O berço, que estava junto do arco cruzeiro, pareceu-nos mui formoso tanto pela graça do desenho como pelo primor da execução. Vimos uma cadeira de espaldar que pela gravidade e riqueza dos ornatos bem parecia ser cousa antiga. Não darão muito bom commodo as que se lhe assemelharam, mas são mais proprias de reis, do que as que hoje infeitam de setins e filagranas para as sallas de qualquer cidadão. Era muito para vêr a credencia de seis degraus, sobre os quaes brilhavam muitas peças preciosas de ouro e de prata. Havia algumas de exquisito lavor e de veneranda antiguidade.

Quando admiravamos tudo isto lembrou-nos que se estivessemos em Paris ou em Londres, ao sahir

da capella, encontravamos riquissimas gravuras representando esses objectos, e que por alguns cobres poderiamos levar para casa toda essa baixella que val alguns mil cruzados!

A realidade do nosso atrazo na civilização ainda se nos affigurou mais triste, quando em seguida a esta lembrança se nos deparou um homem, que ao canto da capella desenhava, em um livro, o que mais parecia interessal-o. O pobre estava todo embebido na sua obra, e não via um grupo de gente *mui aceada* que o escarnecia como se fosse um parvo.

Ora em quanto succederem d'estas e d'outras, não admirara que as melhores e as mais altas emprezas, não possam ir ao cabo.

O NOVO PAROCHO DA FREGUEZIA DO SANTISSIMO CORAÇÃO DE JESUS.

16 No dia 7 do corrente tomou posse o novo parocho desta freguezia.

O Sr. P. José Ignacio de Gouvêa é ha muito respeitado pelos habitantes da freguezia do S. Coração de Jesus, onde reside ha bastantes annos. A igreja póde dizer-se que estava vaga pela impossibilidade physica do parocho actual.

Os parochianos tinham representado a S. M. pedindo o Sr. José Ignacio para successor do antigo parocho.

Ha poucos dias que o governo o nomeou para tam difficil encargo, e já dous factos de grande vulto se appresentam em seu louvor. Por espontanea vontade se obrigou a dar ao seu antecessor 300$000 rs. annuaes; e no caso que morra antes delle, esta prestação deverá ser paga pelos seus bens. E para valer aos pobres moradores da freguezia, que são muitos, prescinde da congrua, desse recurso improprio que faz com que em um mandado de penhora o desgraçado veja a imagem do parocho a mandar-lhe pór os andrajos em almoeda, elle que devia morrer de fome para valer aos seus irmãos!!

Por desventura nossa, as ovelhas do Senhor andam tão desgarradas que só pastores como o Sr. Padre José Ignacio as poderão fazer voltar ao santo aprisco.

Antes das estradas, do credito e da industria, antes de tudo, — Portugal precisa de bons parochos.

No presbyterio em que virdes um que o saiba ser, saudae-o, pois que saudais o futuro.

PRAÇA DE LISBOA.

Papeis de Credito.

17	
Fundos publicos de 5 por cento	47 a 48
Ditos de 4 por cento . .	41 a 42
Titulos antigos (azues). .	6 a 7
Ditos modernos tres operações	31 a 35
Titulos admissiveis nos direitos das Alfandegas . .	88 a 89 na fórma.
Acções sobre o fundo de amortização	32 a 33
Papel moeda.	17 a 18 em metal.
Acções do Banco de Portugal	390$000 a 395$000
Ditas do Banco do Porto .	230$000 a 235$000
Ditas das Lezirias . . .	350$000 a 355$000
Ditas das Pescarias . . .	17$500 a 18$000
Ditas da União Commercial	53 a 54
Ditas — Fiação e Tecidos Lisbonense	75$000 a 80$000
Ditas Confiança Nacional .	342$000 a 350$000

Desconto de notas do Banco de Lisboa 37½ por cento.

Lisboa 7 de dezembro de 1847

CAIXA ECONOMICA DE LISBOA:

FUNDADA PELA COMPANHIA CONFIANÇA NACIONAL.

Edificio do Banco de Portugal.

18 Operações da semana finda em 4 de Dezembro:

Cinco entradas de quatro depositantes,

Moeda metalica	69$200
Notas do Banco de Lisboa	97$200
	166$400

RÉCITA NO THEATRO DE S. CARLOS EM BENEFICIO DO AZYLO DE MENDICIDADE.

19 Está annunciada para o dia 13 do corrente.

A protecção que precisa tam pio estabelecimento, e a milagrosa maneira por que se tem sustentado sem recursos proprios, são recommendações sufficientes para que todas as pessoas caridosas concorram nessa noute ao Theatro de S. Carlos.

INCENDIO.

20 Em a noite de 2 para 3 pegou fogo no *Recolhimento do Menino Deos:* ardeu todo e apenas se salvou a igreja. Concorreu bastante gente apesar de ser muito tarde.

É louvavel a promptidão e a coragem, com que ha algum tempo a esta parte os habitantes da cidade correm aonde apparece um incendio. — Esta acção honrosa tem por causa os factos que tanto nos envergonham; — todos voam ao logar do perigo porque os exemplos desgraçados e proximos lhes mostraram a falta absoluta de meios para salvar as vidas que o fogo ameaça, bem como a irregularidade e confusão, com que se prestam os recursos que pódem salvar os edificios. — Ha certos desleixos que não se explicam. — Parece impossivel que sendo estas tristes verdades confirmadas por mui graves prejuizos, e pelo testemunho de pessoas de todas as classes da sociedade, ainda se não tenham aproveitado as tristissimas licções da experiencia, e tantos alvitres e conselhos dados pela imprensa.

A Revista não é dos jornaes que sobre este ponto tem publicado menos artigos. — A nova Redacção continuará no proposito antigo, insistindo em que se tomem as providencias que por tantos motivos se exigem.

As pobres recolhidas foram salvas pelas primeiras pessoas que acudiram. Custou a tiral-as d'entre as chamas, porque aquellas boas almas não queriam deixar o seu santo asylo sem salvar as imagens de sua devoção! — Os nossos avós quando viam destas cousas chamavam-lhes avisos do ceu; e tinham rasão. Com taes exemplos a luz da fé não póde apagar-se por mais que pareça amortecida.

Ao passo que a guarda de algum ouro custava a vida de um homem; e que um desgraçado tentava lançar mão de um sacco de dinheiro, com o risco de tropeçar no cadafalso; tres mulheres preferem á propria vida a conservação dos symbolos da religião, que en-

tornára sobre os seus pesares o balsamo da esperança.

IRMANDADE DE SANTA CECILIA.

21 Logo depois da festa da invocação, é costume celebrar-se o officio pelas almas dos irmãos. Este anno o officio cantou-se no dia 3. A concurrencia foi numerosa e esplendida, como sempre. As lúgubres inspirações que Mozart derramou com tanta abundancia no seu Stabat-Mater, traduziram-na n'esse dia as mais sonoras vozes de Lisboa ante um monumento funebre. A orchestra era digna dos cantores.

Todos estavam arrebatados por aquelle pensamento vasto que comprehendeu a santa poesia da dôr que se encerra nas palavras da igreja. Desejaramos que nos nossos templos só se ouvissem composições como esta. Para louvar a Deus não devem os cantores vestir-se de preto, representar o Barbeiro, ou os Puritanos sobre as taboas do coro de qualquer freguezia.

Com o proposito de cortar taes abusos estabeleceu-se em França uma sociedade para estudar a musica *propriamente religiosa.* Destes exemplos, é que deviamos imitar para não acontecer, como já succedeu, aqui, nesta capital de um reino christão, cantar-se o Stabat-Mater no theatro, e o coro dos demonios do Roberto servir de acompanhamento ao *Gloria in Excelsis*. Estes disparates ou...... convem que lembrem para não voltarem.

N'esta occasião, em que fallamos da irmandade de Sancta Cecilia, parece-nos que os leitores não levarão a mal que lhes digamos alguma cousa, para saberem a razão porque os musicos a escolheram por padroeira. A noticia historica que vão ler é tirada de um jornal francez do corrente anno.

«Santa Cecilia foi natural de Roma, e descendente de familia nobre. Educada nos principios da religião christã, foi comtudo dada por esposa a um mancebo tambem nobre, por nome Valeriano, que não havia ainda abraçado a nova fé. A Cecilia não lhe foi dificil obter de seu esposo, que abjurasse a idolatria; convertendo tambem a Tiburcio, seu cunhado e um certo official chamado Maximo. Não tardou muito que Valeriano, Tiburcio e Maximo fossem prezos e condemnados á morte. — Dias depois, Cecilia soffria a palma do martyrio.

Passaram-se estes factos ou pelos tempos de Marco Aurelio entre os annos de 176 e 180, ou no anno 230 sob o imperio de Alexandre Severo.

Os corpos d'estes quatro martyres foram enterrados no cemiterio de Calixto, que depois tomou o nome de Cemiterio de Santa Cecilia.

No quinto seculo, havia em Roma uma egreja sob a invocação d'esta Santa, construida, dizem as tradicções, no proprio logar do palacio, que Cecilia tinha habitado, ou no sitio em que havia expirado. No anno de 500 o papa Symmaco celebrou n'esta egreja um concilio. Em 820, este templo era quasi ruinas; o papa Pascal I o reedificou.

As esperanças de achar o corpo da santa estavam quasi perdidas, porque se cria haver sido roubado, junto com os restos de outros martyres, pelos Lombardos, em 755, — quando por avisos, que o Santo Padre teve em sonhos, o corpo foi descoberto no cemiterio que hoje tem o nome da bemaventurada. Envolvia-o uma téla recamada de ouro: junto aos pés existiam alguns pannos tintos de sangue. O corpo de Valeriano jazia com o da esposa.

Trasladaram n'os juntamente com os corpos de Tiburcio e Maximo para a sua nova igreja.

Esta igreja, que hoje se chama de *Santa Cecilia in Transtavere*, por estar situada no bairro de Roma, que tém esta denominação, na margem direita do Tibre, foi concedida por Clemente VII (1592 — 1605) aos monges benedictinos.

Nos ultimos tempos, foi restaurada com todo o esmero pelo Cardeal Jorge Doria. No meio do pateo que a precede, é para admirar se um vaso antigo de marmore, notavel pela sua grandesa e formozura. O portico da egreja é sustentado por quatro columnas, das quaes duas são de granito vermelho. O interior é ornado de columnas, que a dividem em tres naves; o altar-mór é coroado com um docél de marmore sustido por quatro columnas antigas de marmore preto e branco.

Junto a este altar está o mausoleo da Santa, recamado de alabastro, lapis-lazuli, jaspe, e agatas. A estatua de Santa Cecilia, por Estevão Maderne, é uma das obras mais notaveis da arte do seculo XVII. É fama que o habil esculptor imitou em toda a sua singeleza a posição do corpo da Santa no tumulo.

Este pensamento simples e tocante tem a grandeza de uma inspiração. A estatua encanta ao observador pela castidade, pela graça da posição, e é impossivel contemplar sem nobre commoção a delicadeza d'aquelle bello corpo envolto em branco sudario, aquelle pescoço rasgado pelo ferro homicida, e aquella cabeça vellada!

Na egreja de S. Luiz dos francezes, em Roma, existem dois preciosos frescos de Dominiquino sobre a vida de Santa Cecilia: — um representa-a distribuindo vestuario á pobresa: o outro, a sua morte. Vê-se tambem na mesma capella a bella copia que o celebre Guido fez do quadro da Santa de Raphael.

Nas actas de Santa Cecilia diz-se — que Santa Cecilia quando celebrava os louvores do Senhor unia os sons de um instrumento a seus canticos. — E d'aqui provém a devoção que os musicos tem por esta Santa.

ADVERTENCIA.

A Redacção d'este Jornal acceita e agradece toda e qualquer noticia fidedigna e interessante que lhe seja enviada.

Roga aos leitores das provincias, que communiquem os acontecimentos dignos de se publicarem em um jornal como a REVISTA.

Entre outras, as noticias agricolas e industriaes devem ter sempre a preferencia.

Qualquer artigo interessante será acolhido com gratidão, e publicado.

A Redacção annunciará, e convindo analisará qualquer publicação nova que lhe seja remettida. Este annuncio será feito accusando-se no *expediente* a recepção da obra.

Todos os inventores, auctores, ou outros que desejarem fazer conhecer ao publico, machinas, livros, sementes, plantas, objectos de arte, medicamentos, etc poderão mandal-os para o escriptorio da REVISTA, annunciando-se e descrevendo-se gratuitamente no Jornal.

A REVISTA acceita a troca com todos os jornaes portuguezes e estrangeiros.